

ABOLICIONISTA

Órgão Literário e Noticioso

DOS TYPOGRAPHOS DA «REGENERAÇÃO»

CHEFE DA REDACÇÃO:—F. MARGARIDA

REDACTORES: JOSÉ PRATES, FIRMINO COSTA, LUIZ NEVES, CARLOS DE FARIA, ARAUJO FIGUEREDO, P. CARDOZO

N. 9

Desterro, 23 de Novembro de 1884

Anno I

EXPEDIENTE

Publica-se aos domingos

ASSIGNATURA:

POR MEZ 500 rs.

COLLABORADORES DIVERSOS

ABOLICIONISTA

Desterro, 23 de Novembro de 1884

Vae caminhando acceleradamente o movimento abolicionista.

Apezar, ainda, de muita opposição a essa luminosa idéa de progresso e civilisação, vão tendo novos horisontes esses *homens-cousas* que vivem entre as trevas da senzala e o azorrague dos senhores.

A comunidade d'elles, no entretanto, que outrora desrespeitavão assim a razão e o preconceito, vae conhecendo muito avançadamente o direito que lh'a impõe a sociedade ao escravo !..

Essa propriedade mesquinha, vil e infame imposta pelo homem ao homem, vae sumindo-se apressurada e inopinadamente a força do direito pelo direito !.

O paiz progride,—e quando extincta fôr essa mancha negra do seu airoso pavilhão auri-verde, elle terá chegado a verdadeira trilha da civilisação, e terá levantado monumentos de gloria a primeira provincia, ao primeiro homem iniciador dessa luz radiante—a redempção dos captivos !..

Somos abolicionistas verdadeiros, temos o coração ardente e jubiloso por alimentarmos essa idéa; porém, entristecemos-nos, comtudo, caminharmos deste modo para o progresso sem que a sua base—a civilisação—tenha os clarões olympicos da—instrução.

A necessidade da libertação dessa raça subjugada é muito preciso e mesmo muito lucrativo, (e para isso trabalhamos), mas, também, é forçoso que se erigam meios e se dê instrução para que os libertados tenham um programma honesto de vida, obrigando-os ao trabalho;

Nada disto por ora ha feito.

Cumpre-nos, e é nossa missão expandirmos cada vez mais essa grandiosa idéa dando largas as suas azas para que ella vá de provincia em provincia, de cidade em cidade, de villa em villa, de palacio á chonpana mostrar que o direito obriga a liberdade do homem, como necessaria a materia é o alimento; como ella exige do governo o alimento moral—a instrução.

E' tempo, já, obriguem-os a pratica e a theoria do trabalho, a conhecer as leis que nos regem para que o direito seja o mesmo e o povo um só.

Si a razão é filha do pensamento, temol-a demonstrado em nossos artigos, esclarecido aquelles que ainda pensão nobilitar-se com essa propriedade escandalosa—o escravo.

Dê-lhe carta de liberdade aos

escravos, senhores, para que o engrandecimento seja mais nobre, para que as vossas consciências se lavem na elevação da patria, desse paiz que precisa erguer-se altivo ante as nações cultas e civilisadas do universo.

Quem não sente palptitar o coração, não ama a sua patria e não nutre o sentimento da caridade, jamais póde ser abolicionista, homem á face dos homens, porque a sua consciencia é nenhuma ante aquelles que acompanhão a evolução do século.

F. MARGARIDA

LITTERATURA

Dr. Theodorato Souto

Dizem que as apparencias enganam muitas vezes, concordo; mas não no sentido physionómico. Nesse, ellas traduzem litteralmente o que se passa no interior, cujo invólucro constituem.

Physiologicamente falando, o rosto é um espelho que reflecte as inclinações boas ou más do individuo, as emoções que o agitam. Um rosto repugnante, odioso, não occulta um coração generoso, sensível e bom; do mesmo modo uma physionomia sympathica não esconde uma alma porosa.

E' singular a faculdade que possuê o nosso olhar de

em um momento o intimo do nosso semelhante. E si ás vezes succede os olhos enganarem-se, o coração, esse, já tem formulado a sua opinião, bôa ou má, e persiste n'ella.

+

Quando aqui desembarcou o Dr. Theodoretto Carlos de Faria Souto, todos que o virão forão concordes em dizer:

—E' um homem sympathico!

E á proporção que a impressão agradável que produzira calava mais no espirito publico, crescia tambem a esperança de uma administração digna do individuo a quem fôra confiada.

As nuvens sombrias que entristecião o nosso horisonte financeiro, a esterilidade que paralisava o nosso mecanismo industrial, o desanimo que grassava em todos os ramos do serviço publico, diminuíram um pouco.

Presentia-se como que um bafejo benéfico acariciar a nossa provincia, fazendo-a encarar mais ardo o futuro.

E porque tudo isso?

Como explicar-se tantas esperanças após tão longos annos de duras privações, de cruéis desenganos?

A resposta é facil. Porque Theodoretto Souto possui todas as qualidades, todos os attributos que recommendão um homem á opinião publica: porque sabia-se que o digno administrador é de genio activo e apprehendedor, possuindo uma intelligencia não vulgar e uma instrução vasta a par de um caracter amavel e recto.

Em todos esses predicados não ha de um homem tor-sympathico ao publico, e ha de inspirar con-

Filiado ao partido que traz hoje o espito do seculo, ao partido liberal, o illustre cearense, com a modestia que lhe é propria e que faz ainda mais sobresahir o seu robusto talento, não quiz encetar a sua administração sem previamente consultar os interesses dos habitantes deste bello torrão; e foi assim que, sem distincção de gregos e troyanos, e antes, confundindo todos em uma só familia, em um só partido que tinha por divisa o patriotismo, pediu ás principaes corporações o ajudassem com seus conselhos na espinhosa tarefa de satisfazer ás mais urgentes necessidades da provincia, por meio de questionarios, os quaes infelizmente não foram correspondidos, como era de esperar.

Esse nosso descuido, para não dizer má vontade, não desanimou ao digno cidadão, pelo contrario, servio-lhe de estímulo, porque Theodoretto Souto pertence á seita dos que vêem na perseverança um poderoso agente do desenvolvimento, e ao mesmo tempo um forte baluarte contra a inercia.

Malsuccedido pelo lado commercial, industrial e agricola, que constituíam o ponto principal dos seus questionarios, lançou suas vistas para outro sem o qual nada, absolutamente nada, se pôde desenvolver.

Dedicou-se á educação popular, cujo atraso foi o verdadeiro motor do máo exito de seu primeiro tentamen.

Quiz legar á geração vindoura, encarnação das esperanças da patria, e amor ao progresso instruindo-a, para que mais tarde, quando assumir ao exercicio de todos os seus direitos, não responda com o silencio da inercia ao grito iniciador de um apostolo do progresso.

J. PRATES.

(Continúa)

DR. PARANAGUÁ

S. Exa. o Sr. Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá, regressou ante-hontem a esta capital de volta de sua excursão ao norte da provincia, tendo visitado as villas de S. Miguel, Tijucas Grande, S. Luiz Gonzaga, ex-colônia Brusque e Nova Trento.

Acompanharam o prohibido administrador da provincia os srs. Dr. Abreu, Engenheiro e secretario interino Julio C. Pereira.

Cheios de jubilo cumprimentamos a S. Exa. desejando que esse seu passeio traga grandes vantagens aos lugares que visitou.

Foi distribuida pelos diversos municipios da provincia a importância de 16:000\$ de réis, para serem applicados á libertação de escravos.

Designou-se o dia 28 de Dezembro proximo para a reunião das juntas classificadoras de escravos.

CARTA

O nosso talentoso conterraneo e amigo Henrique Boiteux obsequiou-nos uma animadora carta, na qual promette acompanhar-nos com interesse na ideia que deffendemos.

Agradecemos.

DISCURSO

pronunciado em S. Paulo, por Joaquim Nabucco, a 15 de Setembro de 1884

(Continuação)

Alem d'isso, senhores, eu nunca mudei n'um ponto, o que é a chave de toda a minha carreira publica. Cada homem tem nos grandes momentos da sua vida um pólo—como direi?—que o attrahe, um ponto para o qual se voltão as suas vistas. No segredo da minha consciencia esse pólo magnetico, esse ponto fixo, foi sempre a mocidade. Ainda não tive occasião de mostrar coragem na defesa das minhas convicções, porque as minhas convicções manifestadas nunca forão das que a mocidade repudia. Eu não creio que o grande estadista esteja entre os moços, mas não confio no grande estadista que desdenhe d'elles. N'esta questão de emancipa-

ção, por exemplo; eu não fiz mais do que pedir no parlamento o que pedia na academia. A minha linguagem terá mudado, as razões me parecerão diversas, o meu ponto de vista será outro; eu vejo hoje o que não via talvez então, porque o que mais me impressionava outr'ora era a sorte do escravo e a vergonha nacional, e o que mais me impressiona agora é a ruína e a paralyisia do paiz; mas o instincto que me guiava, a preocupação que me absorvia, a politica que eu advogava, serão os mesmos.

Eu agradeço ao eloquente orador que me precedeu a generosidade com que se referiu ao meu nome; mas o pedestal em que elle pozou elevar-me é alto de mais para mim. Desde que, ha cinco annos, envolvi-me n'esta causa da redempção do nosso paiz, eu disse que os operarios d'ella devião contar com o esquecimento dos seus nomes, aspirar ao esquecimento. O que podia mantel-os em evidencia era o isolamento, e todos devião querer confundir-se na massa dos seus concidadãos livres; o que podia perpetuar-lhes a lembrança era a recordação do triste periodo em que vivemos, e essa devemos querer que se apague como um pezadello da memoria na nação acordada. E disse por vezes que não havia gloria pessoal em ser-se abolicionista no fim do seculo XIX em um paiz americano, para um filho de raça latina. Não ha em o ser nem iniciativa intellectual, nem originalidade. Com effeito, senhores, a escravidão é uma instituição ignominiosa de outras epochas que somente se protrahe até a nossa e se arrasta, encangentando o solo do nesso paiz, porque lhe falta a coragem que não têm as instituições, como os homens, que perderão a sensibilidade da honra, a

coragem do suicídio. N'isso estamos todos de accordo; abolicionistas e escravocratas não divergimos quanto ás premissas, mas sòmente quanto ás conclusões. A escravidão é um crime, dizemos nós, as nações não devem viver pelo crime, é preciso abolir a escravidão. A escravidão é bom crime, dizem elles, mas é também uma propriedade, e não se deve attentar contra a propriedade.

Nós somos lógicos nada mais. Acredite-me, senhores. Não ha-
merito em um brasileiro dos nos-
sos dias comprehende a ignominia
da escravidão e em denuncia-la.

Eu trabalho pela abolição, ancioso porque chegue o dia, que não tarda, de esquecer-nos todos que houve escravidão n'este paiz, que houve senhores e escravos, escravocratas e abolicionistas. Se queremos que nós, brasileiros, tenhamos uma patria livre como a têm o norte americano, o chileno e o argentino, é para trabalharmos todos pelo seu engrandecimento e o seu futuro, esquecidos das divisões que hoje existem no seio d'ella. Não é n'um paiz de escravos e em torno da escravidão, que homens dignos de crear um nome que fique, ou pelo talento ou pelo character, integrado no patrimonio nacional, devem lutar pela s distincções publicas; essas distincções lançariam uma sombra sobre o seu paiz e os seus concidadãos. E', sim, n'um paiz livre, em torno da liberbade, bem commum de todos, para o augmento ou a garantia d'ella, que a lucta pôde conferir uma honra que nos seja grato merecer e lembrar.

Ha na Odysseia um episodio que pôde servir-nos de parábola. E' Ulysses dizendo a Poliphemo que o seu nome era Ninguém, e o Cyclope com a pupilla abrazada, atroando os ares

com os gritos da sua cegueira e respondendo aos seus companheiros, que lhe perguntão que sofrimentos lhe arrancão taes clamores durante a noite divina: «Matão-me e é Ninguém! » «Se não é ninguém, se estás só, nós não podemos valer contra o golpe com que Jupiter te fere!»

Senhores, tambem não é nenhum de nós que mata a escravidão, é o espirito do nosso tempo, e por isso o nome do verdadeiro abolicionista deve ser Ninguém, e eu não quero outro para mim n'esta causa.

Não é sómente isto, senhores, é que na marcha das grandes idéas como esta perde-se quasi sempre de vista a importancia dos homens obscuros e modestos, dos trabalhadores incansaveis, mas desconhecidos. O genio é de um valor inestimavel, mas a humanidade póde ap rer sem elle. As maiores creações seguem-se, — e eu chamo as maiores e lações as que servem pátria! A cada manter a convergencia, com a velocidade individual para a érosa idéa aboli-nossa especie, seja do os horizontes da glória, a patria, a escravidão, do riso e da, — devem tando a beber da fonte que virão a de as dulçuras da sua geração, — descortina hoje, por ras, a humanidade de amanhã mesmo sem elle, porque arrasta sempre até ellas. Excepto nas grandes obras de arte que são testamento immortal das individualidades insubstituiveis da nossa especie em nada mais se vê a necessidade absoluta dessa originalidade pessoal que se chama genio. A força das nações também não está nos grandes espirito que ellas produzem, mas no valor moral das unidades que as compõem nas qualidades viris e nobres do producto humano, na veracidade, e

FOLHETIM

ALFREDO DE SARMENTO

O CASAL DA SERRA

Estevão de Sousa não confiava de pessoa alguma a educação da filha. Era elle quem, com paternal solicitude, e cuidadoso desvelo, lhe cultivava os dotes do espirito; e porque muito queria tambem a Pedro, que ao lado da filha vira crescer, repartia com elle as proficuas lições, com que buscava ampliar o desenvolvimento intellectual de Mariquinhas. Foram proveitosas as lições.

Aos dezeseis annos, Mariquinhas, cuja intelligencia clara concorrera, em grande parte, para coroar de excellentes resultados os esforços e ardentes desejos do pae, possuia uma educação não vulgar em creaturas do seu sexo.

Se aos oito annos, creança era alegre e folgazã, doudejando entre as flores, e confundindo-se com ellas, com o crescer dos annos soffrera uma completa transformação. Se não herdara do pae o genio triste e sombrio, umas laves tintas de suave melancolia, davam-lhe um fascinador encanto ao rosto insinuante.

Mariqueinhas não podia chamar-se
uma formosura. Creada na liberdade

das campos, cresceram e desenvolve-
ra-se como os arbustos, seus compa-
nheiros, aos raios vivificantes do sol
da primavera, e aos orvalhos matus-
sinos do outono. Se não possuía essa
languidez pretenciosa que se admira
nas salas, havia tal simplicidade, tal
graça, tanta flexibilidade no seu cor-
po airoso e esbelto, que, dir-se-ia, ao
vel-a, ser a mais perfeita criação do
cinzel inspirado de um artista.

O rosto, ligeiramente oval, era emoldurado por abundantes cabelos negros. Os olhos, assombrados por densas e aveludadas pestanas, eram também negros.

laboriosidade, na coragem, no patriotismo dos seus milhões de átomos. Eu sinto que nunca em nossa vida social tenhamos occasião de render homenagem devida aos que representam essas qualidades solidas, que são, por assim dizer, a estrutura ossea das nações, que sem ellas não paixão de organismos sem vertebras. As homenagens são quasi sempre para os idolos do dia, para as phosphorescencias da propria opinião publica, para os que têm um nome que por algum lado attrahe e reflecte a luz da popularidade. Isto amortece a consciencia do dever nas massas que trabalham sem recompensa quando a obra ainda dos mais illustres não é nada comparativamente á somma infinita e verdadeiramente admiravel de dedicação esquecida de si, de conformação voluntaria e nunca arrependida da verdade do dever moral, que não continua e obscura, mas que em todas as grandes causas, em todas as grandes causas de emancipação, em todos os cantos do sacrificio augusto dos ideaes da propria per-

Foram concedidos os seguintes creditos, correspondentes á quota com que foram contempladas as seguintes provincias, para o fundo de emancipação:

Ao Pará	24:000\$000
Paranhão	86:000\$000
Piauhy	25:000\$000
Rio Grande do Norte	14:000\$000
Parahyba	30:000\$000
Pernambuco	122:000\$000
Alagoas	39:000\$000
Sergipe	37:000\$000
Bahia	200:000\$000
Espirito Santo	30:000\$000
S. Paulo	251:000\$000
Paraná	12:000\$000
Santa Catharina	16:000\$000
S. Pedro	90:000\$000
Minas	372:000\$000
Goyaz	10:000\$000
Matto-Grosso	10:000\$000

A LAPIS

AOS COLLEGAS DE REDACÇÃO

Na patria de Rio-Branco
E dos Andradas tambem,
Quem não tem patriotismo

Amor ao Brazil não tem.
Não se piasse o velho mundo
Que co' ardor forte e profundo
Sempre firmes luctaremos.
Um dia virá—p'ra historia!
Um dia virá—de gloria!...
—A escravidão venceremos.

Do progresso na jornada
Quem se disser brasileiro
Ha de a frente ter c'roada
Na queda do captiveiro.
Verem-se a treva em fragoas
Rolando por sobre as agoas
Da gloria que jorra á flux!
E teremos a igualdade
Ante a irmã fraternidade
Saúdando o dia da Luz!...

A. FIGUEREDO.

(Rusas do Outono)

ALBUM ILLUSTRADO

Propriedade e iniciativa do Sr. Manoel Caetano Biguibi, este album é um verdadeiro primor, a realisação de uma idéa grandiosa e sublime! Organizado com retratos de homens celebres a 4 de Julho de 1883 (data de certo memoravel para o iniciador), suggeriu uma nova idéa, aliás brilhante, ao Sr. Biguibi: a de fazer acompanhar cada retrato um escripto a respeito; e com effeito obteve que diversas pessoas escrevessem no album.

Acha-se elle hoje quasi todo escripto, contendo 46 retratos de homens, que, pelo genio ou illustração, se distinguem radiantemente na historia dos tempos; cujos retratos são os seguintes:—«Conego Joaquim Gomes de Oliveira a Paiva.—Lord Byron.—Affonso de Lamartine.—Luiz de Camões.—Visconde de Chateaubriand.—Dr. Antonio Gonçalves Dias.—Lafontaine.—Frei Francisco de Monte Alverne.—Victor Hugo.—Emilio Castellar.—Manoel Antonio Alvares de Azevedo.—Alexandre Herculano.—José de Alencar.—Fénélon.—Casimiro José Maria de Abreu.—Antonio de Castro Alves.—Visconde de Almeida Garret.—Adolpho Thiers.—Dr. Luiz Guimarães Junior.—Luiz Augusto Rebello da Silva.—Padre Antonio Vieira.—Antonio Feliciano de Castilho, viscd. de Castilho.—Visconde do Rio Branco.—Conselheiro Manoel Pinheiro

da.—Major Serpa Pinto.—Henri Herz.—Conselheiro Thomaz Ribeiro.—Guilherme Braga.—José Bonifacio de Andrada e Silva, patriarcha da independencia do Brasil.—C. Castello Branco.—Julio Grévy, presidente da republica franceza.—Gonçalves Crespo.—José Elisiario da Silva Quintanilha.—O poeta Longfellow.—Carlos Ferreira.—Goethe.—Luiz N. Fagundes Varella.—Manoel de Araujo Porto Alegre, barão de Santo Angelo.—Dr. Alfredo d'Escagnolle Taunay.—Dr. D. J. G. de Magalhães, visconde de Araguaya.—Emilio Zalar.—Conselheiro João Silveira de Souza.—Conselheiro José B. de Andrada e Silva.—Juvencio Martins da Costa».

ESCRITOS

Na primeira pagina do album:

N'este album tão precioso,
Onde encerram-se os retratos
Dos maiores literatos
Que o mundo tem conhecido,
—Como uma prova de apreço,
Vou deixar aqui gravado
O meu nome—qual do prado
Um murcho lirio pendido!...

4-7-83.

(CARLOS DE FARIA)

Continúa,

THEATRO

A companhia dramatica que se acha entre nós, tem satisfeito as justas exigencias da nossa platéa, o que muito applaudimos.

E' hoje o ultimo espectáculo, subindo á scena o lindo drama «O Trapeiro de Pariz».

Desejamos á companhia uma noite cheia.

MOTE

Não se póde ser escravo
No tempo da liberdade!...

GLOSA

No paiz heroico e bravo
Onde nasceu Rio Branco
Deve haver um trilho franco...
—Não se póde ser escravo!
Agora que o crime espesso
Da remota humanidade
Desfaz-se á luz do progresso,
O Brasil esmaga a erro...
—O Brasil quer igualdade,
E v'oa co' o trem de ferro
—No tempo da liberdade!...

22-11-84.

CARLOS DE FARIA.